

A Comunicação Científica como Literatura: o lugar do sujeito na construção do conhecimento¹

Ana Maria Dalla Zen

RESUMO

O trabalho discute a participação da subjetividade na comunicação científica. Ressalta o baixo nível de inovação de grande parcela das publicações. Critica o *publicacionismo* e a decorrente produção de trabalhos calcados em comunicações anteriores. Aponta o uso exagerado de referências a trabalhos anteriores como garantia de qualidade acadêmica. Enfatiza a importância de que sejam divulgadas experiências cotidianas de profissionais não engajados nos circuitos acadêmicos formais. Ressalta a relevância do contato direto com os contextos dos fenômenos como fonte de redação de comunicações mais eficazes. Conclui ao mostrar como as emoções, sensações, crenças dos sujeitos contribuem para a produção científica, ao lado do racionalismo próprio do conhecimento.

PALAVRAS-CHAVE: Comunicação Científica. Literatura Científica. Publicacionismo.

1 INTRODUÇÃO

O mundo contemporâneo, ou a sociedade da informação, se identifica pela expansão sem precedentes da facilidade de acesso e disseminação

¹Trabalho apresentado no XI Encontro de Enfermagem em Centro Cirúrgico, UFRGS, Porto Alegre, 09 jul. 2004.

do conhecimento. Nunca como hoje se teve tantos documentos científicos à disposição, seja em suportes gráficos tradicionais, seja através de meios eletrônicos. Sabendo procurar, pode-se encontrar textos escritos sobre tudo, ou quase tudo. O pesquisador pode, em curtíssimo espaço de tempo, acessar inúmeras resenhas, artigos, monografias, dissertações e teses, divulgadas em suportes tradicionais, ou imediatamente, se em meios eletrônicos.

Quando alguém realiza uma consulta a essas fontes, o faz na expectativa de que contribuam de algum modo para inovar algo, por menor que seja, na área de conhecimento a que se referem. Mas, na prática, percebe que uma grande parte do que existe, seja na forma de documentos impressos ou digitais, pouco ou quase nada agrega àquilo que já se conhece, àquilo que já se sabe. Alguns nada contribuem para o avanço teórico, metodológico, empírico ou científico de seus objetos de análise. Outros somente reproduzem, recompilam ou sintetizam trabalhos anteriores do mesmo ou de outros autores. É comum, quando se busca base de sustentação para novas pesquisas, que se encontrem duplicatas de documentos praticamente idênticos, repetitivos e pouco originais.

Num processo crescente de *publicacionismo*, um número expressivo desses trabalhos, ao invés de contribuir com algo de novo, apenas reapresenta o que já foi feito, o que já foi relatado. Neles, são abundantes as referências a trabalhos anteriores, como se isso fosse garantia do padrão de qualidade esperado pela comunidade científica. Na prática, os seus dados pouco inovam e quase nada colaboram em ampliar o repertório acadêmico de quem os consulta.

Encontram-se nessas buscas até mesmo trabalhos que são apresentados como novos, quando na verdade tiveram apenas seus títulos mudados, mas não o seu conteúdo. Como se fossem originais, os mesmos documentos são divulgados através de diferentes suportes, como artigos de periódicos científicos ou até mesmo novos livros, quando na verdade se tratam apenas de uma nova roupagem de uma obra anterior. Os ícones de *recortar* e *colar* do *Word*² talvez sejam os mais utilizados entre alguns autores. As oportunidades de bricolagem, de reescritas, de rejunções, de dar novas caras ao *déjà vu*, ao *déjà écrit* são inúmeras, fáceis e imediatas.

Em sentido contrário, existem pessoas que, embora tenham relevantes reflexões teóricas ou resultados de seu exercício profissional cotidiano que poderiam compartilhar, as escondem, guardam, engavetam. Seja por insegurança, medo, exagerada auto-crítica ou dificuldade de acesso às publicações

² Editor de texto do Microsoft Office

científicas em sua área, deixam de divulgar suas experiências, algumas delas muito ricas. De certo modo consideram-se inabilitados ou inaptos para a divulgação de suas observações, considerando-as “*pouco científicas*”, já que elas foram obtidas por não-cientistas, *stricto-senso*. Através do contato direto com os contextos onde ocorrem os fenômenos, tais relatos, se convenientemente divulgados, poderiam oferecer importantes referências para a crítica, difusão e troca de experiências. Nessas práticas diárias poderiam ser identificados novos casos e problemas, daí originando-se novas linhas de pesquisa. Mas como apenas o pesquisador formal, na condição de membro de uma academia, está autorizado a falar a linguagem da ciência que é exclusiva de seus iniciados, aqueles dados permanecem no escuro, no anonimato e acabam desaparecendo.

Enquanto isso, outros autores escrevem e reescrevem, alguns criativamente, outros repetindo-se *ad infinitum*, pela falta de novas experiências e temáticas. Entre os fatores que geram essa repetição, essa mesmice na literatura científica, cita-se o indicador da quantificação de publicações como um aferidor da produção intelectual de cada autor, para ser reconhecido e ter sua voz autorizada pelas instituições de pesquisa. É essencial que se publique e, quanto mais, melhor. Outro é a aceitação praticamente tácita entre os pesquisadores de que os documentos científicos sejam tão só e exclusivamente aqueles que divulguem resultados obtidos em investigações formais em andamento ou já concluídas. Mesmo que essas pesquisas se arrastem por anos e mais anos.

Nessa perspectiva, onde fica a paixão pela discussão acadêmica? Que espaço se dá para inovar, para criar novos rumos na comunicação científica? Será que ela é apenas fruto de uma rotina acadêmica instituída e reconhecida entre seus pares? Ou, ao contrário, ela dá espaço para a inovação, para o arrojado, para o diferente? Será que pelo fato de ser literatura científica ela não pode ser amorosa, sensível, humana? Será que o lado racional da ciência se opõe à sensibilidade do autor? Será que não se pode ser criativo nem original quando se escreve um texto científico?

Tais considerações se constituem na base das reflexões que serão feitas a seguir. Trata-se da discussão em torno do lugar do sujeito no processo de construção do conhecimento. Até que ponto a subjetividade interfere e participa do processo de criação e de divulgação científicas? Até que ponto o lugar de onde o autor/a lança o seu olhar, as suas emoções, crenças e experiências de vida, podem participar e interferir na escritura científica?

Essa dimensão de dissidência com o formalismo e rigidez do texto científico como produção literária não é inédita nem original. Ao contrário, alinha-se a uma postura que cada vez mais se entranha na comunidade científica e

que foi lançada pelos autores que deram a sustentação teórica à análise aqui iniciada.

Desse modo, nos capítulos a seguir pretende-se demonstrar que a literatura científica, enquanto produto da ação humana, é um fenômeno comprometido com as crenças, valores, emoções, criatividade e espiritualidade de seu autor.

Na primeira parte serão discutidos as formas de inserção e os limites da subjetividade em seu equilíbrio com a racionalidade e objetividade próprias do conhecimento científico. Após, serão tecidas algumas reflexões em torno do outro, da natureza e do indivíduo dentro do texto. E finalmente o trabalho conclui sinalizando os principais pontos que oferecem respostas, provisórias e pessoais da autora, em torno das questões aqui lançadas. Trata-se de um caminho não concluso, que está apenas no seu início, mas que busca refletir sobre novas estratégias de texto científico que, tornada acessível aos não iniciados, permita que conhecimento que produz seja mais original e criativo, solidário e coletivo.

2 CIÊNCIA, RAZÃO & SUBJETIVIDADE

Diferentes paradigmas coexistem na comunidade científica contemporânea. Numa realidade cada vez mais complexa que identifica o mundo atual como a sociedade do conhecimento, as antigas certezas, a causalidade, a objetividade e o determinismo do conhecimento newtoniano, cartesiano ou positivista permitiram o estabelecimento de novas formas de conhecer. Cada vez mais fortemente se reconhece que a subjetividade do pesquisador se insere no seu trabalho. As revolucionárias condições de busca e disseminação da informação através das infovias, em especial da internet, provocaram o surgimento de novas formas de conhecimento. A rapidez, a velocidade, a aceleração da pesquisa, geraram uma nova ordem na ciência, em que se permite a participação cada vez maior do sujeito na compreensão do fenômeno que está investigando.

O pesquisador, sem se distanciar do rigor exigido pela ciência tradicional, reduz drasticamente a rigidez dos métodos convencionais no que se refere especialmente à objetividade de sua análise. Ao relatar um fenômeno, integra os conceitos e fundamentos teóricos às suas próprias convicções, permitindo-se ampliar o conhecimento de acordo com o seu ponto de vista pessoal.

A clássica expressão [...] *os dados relevam* [...] está sendo substituída, pelo menos entre os dissidentes, por um novo discurso, em que o próprio pesquisador se constitui sujeito. O discurso muda e passa a se apresentar

como : [...] *sob o meu ponto de vista, os dados sugerem que* [...]. É claro que, entre ambas, a primeira forma prevalece, enquanto a segunda entra na academia entre os dissonantes, entre aqueles intelectuais que se rebelaram contra a utilização de rigidez como sinônimo de rigor científico, e objetividade como garantia de verdade e de validade.

A busca incessante e fundamental da ciência de compreensão da realidade se faz hoje de modo sintético, não mais analítico. Não é mais necessário que se divida, que se esquiteje, que se desmanche o objeto para conhecê-lo. A separação sujeito e o objeto tornou-se hoje uma união indissolúvel, indivisível. A subjetividade e a objetividade, antes opostas, se evidenciam como dois elos encadeados e indivisíveis:

A idéia era de que, para o conhecimento do homem, deveríamos rechaçar, eliminar tudo o que fosse natural, como se nós, o nosso corpo e organismo fossem artificiais, ou seja, a separação total. A separação do sujeito e objeto, significando que nós temos o conhecimento objetivo porque eliminamos a subjetividade. Sem pensar que no conhecimento objetivo há, também, a projeção de estruturas mentais dos sujeitos humanos e, ainda, sob condições históricas, sociológicas, culturais precisas. (MORIN, 2001, p. 28).

Essa nova visão está presente em grande parcela da comunidade científica, que já reconhece que o autor faz parte do conhecimento que produz. Nessa interação do autor com o ato de conhecer, a sua trajetória pessoal, o contexto histórico em que ele se situa, as suas visões de mundo passam a fazer parte do conhecimento científico que produz. Trata-se de uma conexão reconhecida como intrínseca ao ato de conhecer:

O conhecimento não é um espelho, uma fotografia da realidade. O conhecimento é sempre tradução e reconstrução do mundo exterior e permite um ponto de vista crítico sobre o próprio conhecimento. [...] o conhecimento, sem a integração daquele que conhece, daquele que produz o conhecimento, é um conhecimento mutilado. Sempre deve haver a integração de si mesmo, o auto-exame e a possibilidade de fazer sua autocrítica. Para mim, integrar qualquer conhecimento é uma necessidade epistemológica fundamental. (MORIN, 2001, p.53).

A ênfase exagerada na quantificação dos dados como garantia e prerrogativa do conhecimento é outro ponto minimizado nessa perspectiva. Tradi-

cionalmente aquilo que não pudesse ser quantificado, medido, era eliminado do conhecimento, tinha a sua existência negada. Mas como quantificar o ser humano? Como medir a dor ou o amor? Pelo menos até agora não foi identificado nada que pudesse expressar o quanto de dor o paciente está sentindo. Mesmo a grosseira afirmação “dói muito”, é absolutamente subjetiva, dependendo do grau de sensibilidade de cada pessoa. Desse modo, lembra o autor, a ciência nada mais é do que uma metáfora, ou seja, uma construção poética do pesquisador:

Muitas coisas importantes na vida não podem ser quantificadas e, neste sentido, a ciência é metáfora. Sabemos que a metáfora ajuda muito no conhecimento e nas relações poéticas da vida, nos sentidos de prazer

[. . .] A quantificação não indica nada sobre as qualidades. As qualidades expressam-se por imagens que passam pelo conhecimento mitológico e poético. (MORIN, 2001, p.30).

A maior contribuição do autor se constitui no princípio da complexidade que, em dissonância com o conhecimento tradicional, exige uma nova postura diante dos fatos. Ao invés de tentar conhecer a realidade a partir do seu esfacelamento em partes isoladas, a complexidade mostra que, ao contrário, é somente a partir da reunião, da rejunção e da síntese que se pode entender o significado de uma realidade que é, em si mesma, complexa. A complexidade substitui a separabilidade do conhecimento científico tradicional, calcado na compartimentação disciplinar, na especialização e na fragmentação, por um olhar integrado, que reúne e liga os fenômenos ao invés de separá-los. A visão complexa, numa expressão que em sua origem latina se explica como sendo *tecido junto (cum plexus)*, aponta para a inseparabilidade e para a síntese como as bases para o conhecimento. Para explicar como se aplica a complexidade na ciência, o autor cita como exemplo a Medicina:

O desenvolvimento da especialização produziu, hoje, uma Medicina que vê um corpo e os seus órgãos separadamente. A cura de um órgão muitas vezes é ocasional. [. . .] Além do que, sabemos hoje pelas idéias psicossomáticas, que o corpo modifica a mente e a mente modifica o corpo. Uma grande dor, um penar, um luto podem fazer uma enfermidade mortal que não é unicamente do corpo, é da mente, do ambiente natural ou urbano, do ambiente social. Muitas enfermidades são resultado do ambiente urbano e social. (MORIN, 2001, p. 31).

O pensamento complexo é muito mais do que mais um conceito disponível na literatura para ser utilizado. Trata-se de uma nova perspectiva paradigmática que sugere uma reforma no pensamento baseada na síntese em lugar da análise, na contextualização sócio-cultural do fenômeno em lugar de seu isolamento e na conseqüente transdisciplinaridade em lugar da disciplinaridade na abordagem do conhecimento.

A presença da subjetividade do pesquisador é mais ampla e transcende a dimensão específica daquilo que está pesquisando. Ela se inicia antes, na seleção dos autores que fundamentam a sua análise, num processo que já é resultante de suas próprias escolhas, portanto de sua subjetividade. Como o trabalho científico estabelece uma relação entre o que já se conhece com o novo, com aquilo que o pesquisador está pretendendo comunicar, isso exige dele uma postura de humildade que ameniza a arrogância e o cunho autoritário que, tradicionalmente, são apontados no discurso do intelectual:

A consciência de que somos um elo da corrente; de que bebemos no poço comum dos saberes à nossa volta; e de que também devemos disponibilizar e socializar o conhecimento que transpiramos de forma singular, faz toda a diferença se tivermos como meta uma democracia cognitiva. Nisso reside a distinção entre um conhecimento *exotérico*, isto é, de domínio público, e um conhecimento *esotérico*, quer dizer, hermético, fechado, reservado aos íntimos, à comunidade de iguais, aos iniciados. [. . .] compreender que o gênio individual é uma ilusão e que somos, como intelectuais, parasitas das idéias dos outros, mas também parasitados por outros, reduz o peso da fictícia sabedoria oracular. (ALMEIDA, 2004, p. 81).

Dessa forma, o *esoterismo* da comunicação científica, na sua compreensão exclusiva aos iniciados, aos doutos, é substituída pelo *exoterismo*, que significa a sua abertura, a democratização de seus resultados. O trabalho coletivo, a partilha, o diálogo entre o que se pretende dizer e o que já foi dito, criam uma espécie de inteligência coletiva, em que ao mesmo tempo algumas idéias são compartilhadas, enquanto outras são recusadas, criticadas, abandonadas ou reformuladas a partir das novas evidências.

Exige-se que o texto científico apresente uma ligação com os conceitos e as teorias que o precederam. Metaforicamente, eles não podem jamais ser vistos como um porto seguro onde se pode ancorar, onde o pesquisador encontra abrigo para as suas próprias idéias, para as suas incertezas. Ao contrário, conceitos e teorias são sempre pontes ou portas que dão acesso a novas e até mesmo desconhecidas possibilidades. Tratam-se apenas de meios, ferramentas, instrumentos ou modelos que permitem organizar, orientar e com-

preender o novo contexto a que se referem. E como sua validade relaciona-se à condição de bases da pesquisa científica, precisam ser adaptados, refeitos e adequados pelo pesquisador que deles fizer uso, uma vez que, como ressalta o autor:

Os conceitos são construções humanas. Têm historicidade. Eles nascem, crescem e vivem por meio de nós. Mas também morrem quando chega a sua hora, quando não oferecem mais campo de luminosidade para a compreensão do que queremos conhecer. (ALMEIDA, 2004, p.82).

Ao comentar a exigência formal de que num documento científico sejam aplicados conceitos e teorias pré-existentes, como base de sustentação e vínculo à própria história do conhecimento, a autora se utiliza da metáfora do barco, com seus remos e âncora. E ela ressalta que, ao invés de âncoras, que deixam o barco parado no lugar, sem se mexer, sem andar, os conceitos e as teorias utilizados se constituem em remos, que, ao contrário, conduzem a embarcação para novos lugares, novos rumos:

[. . .] a função da âncora é manter o barco parado. Eles se assemelham mais a remos, que nos fazem mover nas águas dos saberes, pelas quais navegamos, e no mundo fenomênico. Ao contrário da âncora, os remos nos permitem avançar, percorrer e ultrapassar círculos, rodopiar, remover os obstáculos superficiais. (ALMEIDA, 2004, p.82).

Em decorrência, não há um compromisso do pesquisador em reutilizar de modo idêntico os conceitos e as teorias que lhe serviram de remo. Se deixar que isso ocorra, ele estará caindo apenas no *publicacionismo*, na repetição e na cópia daquilo que já foi escrito, daquele conhecimento já divulgado, pronto, exaurido. Ao contrário, o seu papel é, por meio deles, contribuir para a construção de algo instigante, incompleto, parcial, mas novo.

Experimentar, ousar, inventar, criar novos caminhos, é isso que se espera dele. Embora este seja um processo mais perigoso, é nos momentos de desvio e transgressão à ordem estabelecida que a ciência mais evolui, se atualiza, se realimenta.

A subjetividade do pesquisador se insere em seu trabalho, uma vez que ele pode, ao seu prazer e decisão, reutilizar conceitos, dar novos significados, estabelecer relações inusitadas e impensadas pelo autor original. É claro que para fazer isso ele parte de um extremo rigor em sua investigação, para só então ousar e criar na construção de sua escritura científica. E, nessa linha, se

inserem os lugares do outro, da natureza e dele próprio (o eu) na sua análise, o que será objeto do capítulo que segue.

3 O OUTRO, A NATUREZA E EU

Para que possamos entender o fenômeno da vida, que em si mesmo se constitui na base que fundamenta a incessante, permanente e mutável busca da ciência, é importante que se reconheça a total interdependência entre o indivíduo, o outro e a natureza. A vida somente se realiza através dessa integração. Nem o indivíduo, nem o outro, nem a natureza podem ser interpretados sozinhos, pois são mutuamente inclusivos.

Nessa perspectiva, D'Ambrosio (2000) mostra que na busca pela sobrevivência todas as espécies se sujeitam a comportamentos vitais básicos, que são os meios para que elas atinjam o objetivo de se manterem vivas e de darem continuidade às espécies. Isso implica reconhecer o outro, aprender e ser ensinado, adaptar-se e cruzar-se. Porém até agora ainda não foram suficientemente diagnosticadas e interpretadas quais são as forças que geram esses comportamentos. Mas sabe-se muito bem que entre os seres humanos, ao contrário das demais espécies, essa busca transcende aquela simples necessidade de sobrevivência. A diferença se situa nas intermediações que o homem criou para a resolução do triângulo da vida, ou seja, para compreender as conexões entre o indivíduo, o outro e a natureza.

Através de instrumentos e tecnologia a espécie humana estabelece diferentes vínculos entre o indivíduo e a natureza. Em decorrência de sua produção e trabalho, cria intermediações entre a natureza e os outros e, através da comunicação e de suas emoções, as pessoas se integram umas às outras. Da dependência entre o acerto ou os equívocos dessas intermediações, resulta o encontro entre o comportamento e o conhecimento, que é o que se chama de consciência.

Quando se busca explicar o comportamento humano, identificam-se duas grandes forças que impulsionam a vida. A primeira é a necessidade de sobrevivência, que é momentânea, comum a todas as espécies. A segunda é a transcendência, que lhe é exclusiva e que faz com que ele se indague sobre os *comos* e os *porquês* de sua vida. Enfim, é a transcendência que o impulsiona a tentar dar um sentido à sua própria existência. Assim:

Sobrevivência e transcendência guardam uma relação simbólica e distinguem o ser humano das demais espécies. Dão origem ao conhecimento e definem o comportamento. Na resposta à pulsão da sobrevivência, o homem define suas relações com a

natureza e com o outro e desenvolve as intermediações já mencionadas anteriormente. Na resposta à pulsão de transcendência, incursiona no passado e no futuro, desenvolvendo mitos e artes, religiões e ciências. No encontro com o outro, que também está na busca de sobrevivência e de transcendência, desenvolve a comunicação. (D'AMBROSIO, 2000, p. 18).

O que tudo isso tem a ver com a produção científica? A ciência tradicional tem sido insuficiente também para explicar o comportamento humano. Por mais que o conhecimento científico convencional venha esquartejando o homem para explicá-lo, a visão disciplinar, que divide, ao invés de integrar, que analisa, ao invés de sintetizar, que separa, em lugar de reunir, tem sido incompetente. Para o autor, o maior equívoco da filosofia ocidental tem sido considerar o homem como um corpo com uma mente, em que se separam o que sentimos do que somos, ora privilegiando um, ora outro. Ao invés do clássico “Penso, logo existo”, o autor contrapõe: “Não. Existo porque respiro, bebo, como, excreto, intuo, choro e rio e penso.” (D'AMBROSIO, 2000, p. 20).

A ciência tem esquecido que o ser humano é ao mesmo tempo sensorial, intuitivo, emocional e racional. Maturana (1999) demonstrou que as emoções exercem um papel fundamental na construção do conhecimento. Em decorrência, só consegue viver na plenitude de sua capacidade humana o indivíduo que reconhece o papel das emoções no exercício de todas as atividades que constituem o seu cotidiano, incluindo-se aí a educação e, dentro dela, a produção do conhecimento.

O que identifica uma pessoa na inteireza de sua condição humana é o grau de equilíbrio que ela consegue manter entre essas quatro dimensões. E que, no caso de um descompasso de uma delas em relação às demais, o indivíduo passa da condição de *ente* para *doente* (POZZATI, 2002). Essa harmonia é fundamental para o exercício de todas as ações da vida humana, entre as quais se inserem, ao lado da saúde, a educação, o trabalho e a criatividade.

É pois importante que essa religação venha a ser feita no cotidiano da produção científica. Esses conceitos abriram espaço mais amplo ao conhecimento do homem em suas necessidades de sobrevivência e transcendência. A subjetividade ingressou nesse processo de busca do significado da própria vida. O sujeito assumiu um papel importante ao produzir e divulgar o conhecimento. O sujeito a que se refere essa nova visão de ciência constituiu-se na necessária e indivisível conexão entre o eu, o outro e a natureza, ou, numa ordem mais solidária e amorosa, o outro, a natureza e eu.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O aperfeiçoamento dos métodos de busca a ampliação das informações disponíveis no mundo contemporâneo a partir das tecnologias digitais permitiram uma cada vez maior e mais rápida conexão entre a especificidade do problema em que se debruça o pesquisador e o conhecimento já existente em torno do assunto. Se isso teoricamente significa uma maior facilidade na produção de documentos de divulgação científica, na prática isso não acontece. Embora nunca como hoje tenham sido produzidos e publicados tantos textos científicos, isso não significa dizer que as novas facilidades de divulgação tenham contribuído para que se encontrem trabalhos relevantes na mesma proporção. Há ainda um descompasso entre a facilidade de obtenção de informações e a sua conseqüente transformação em conhecimentos novos, criativos e que possibilitem a construção de novos rumos para a humanidade. Em função das diretrizes que ainda orientam grande parcela dos trabalhos acadêmicos, permanecem vivas as exigências convencionais, de que representem uma análise objetiva de uma realidade exterior ao sujeito.

No panorama do conhecimento contemporâneo já se institucionalizaram novos olhares que, cada vez mais, vêm dando espaço para o sujeito dentro do processo de construção do conhecimento e sua escritura. Desse modo, a subjetividade do olhar representa a construção de um discurso científico que dá voz à intuição, às emoções, à sensibilidade do pesquisador. O que não significa um reducionismo à racionalidade, mas sim uma nova conexão entre todas as dimensões do ser humano.

Hoje a incerteza é, paradoxalmente, a maior verdade que se pode compartilhar. Isso representa um momento peculiar de aproximação entre os diversos saberes, em que foram gestados espaços próprios para a construção de modos mais harmônicos de convivência e compartilhamento entre os diversos ramos da ciência

Portanto, é necessário que se pense numa nova ciência que permita novas formas de diálogo, tanto entre as disciplinas e diferentes áreas de conhecimento quanto mais especialmente no discurso científico, ao se recolocar o humano dentro da ciência. Trata-se, enfim, da busca de uma nova utopia.

Scientific Communication: the place of the subject in knowledge construction.

ABSTRACT

The article discusses subjectivity in scientific communication. It highlights the level of innovation of a great deal of publications. It criticizes the imperative to publish and consequent publication of non original material. It claims that

the overuse in citation operates as a guarantee of academic quality. It emphasises the need for publicising everyday experiences of non-scholarly professionals. It highlights the importance of the direct contact with the context in which the phenomenon takes place as a source of inspiration for the production of the most relevant essays. It concludes showing how emotions, sensations and beliefs contribute for scientific production, jointly with rationalism of knowledge itself.

KEYWORDS: Scientific Communication. Scientific Literature.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria da Conceição de. A Ciência como Bifurcação: uma homenagem a Ilya Prigogine. *Revista FAMECOS*, Porto Alegre, n.23, p. 77-83, abr. 2004.

D'AMBROSIO, Ubiratan. Uma Visão Transdisciplinar. *Pátio: revista pedagógica*, Porto Alegre, ano 4, n. 13, p. 17-20, maio/jul. 2000.

MATURANA, Umberto. *O Papel das Emoções na Educação e na Política*. Belo Horizonte: UFMG: Humanitas, 1999.

MORIN, Edgar. *Saberes Globais e Saberes Locais: o olhar transdisciplinar*. 3.ed. Rio de Janeiro: Garamond, 2001.

POZZATI, Mauro. *A Inteireza do Ser*. 2002. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.

Ana Maria Dalla Zen
Doutora em Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo.
Professora Adjunta do Departamento de Ciências da Informação da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da UFRGS.
E-mail: azen@ufrgs.br